

RESENHA

Aceleração social e a estabilização dinâmica da modernidade

Social acceleration and the dynamic stabilization of modernity

César Augusto Cichelero

Fernando Vechi

Resenha da obra ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade*. Trad. SILVEIRA, Rafael. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

RESUMO: A presente resenha traz como tema a ideia de aceleração social tal como esboçada por Hartmut Rosa em sua recente obra lançada neste ano em tradução para o português. O objetivo é apresentar as principais categorias analíticas, hipóteses, metodologia utilizada e problemáticas que compõem a teoria da aceleração social do autor. Primeiramente se busca apresentar o contexto teórico no qual o autor está inserido. Na sequência, apresenta-se aquilo que o autor diagnostica como sendo fenômenos de aceleração e, assim, uma nova interpretação da ideia de alienação. Por fim, resta claro que Rosa construiu um referencial normativo no qual é possível esboçar uma concepção ideal moderna de boa vida.

PALAVRAS-CHAVE: Aceleração. Alienação. Estabilização Dinâmica. Teoria Crítica.

ABSTRACT: *This review has as its theme the idea of social acceleration as drafted by Hartmut Rosa in his recent work, translated this year to Portuguese. The objective is to present the main analytical categories, hypotheses, methodology and problems that are present in the social acceleration theory. Firstly, it seeks to present the theoretical context where the author is inserted. Following, it presents what the author diagnoses as acceleration phenomena and, thus, a new interpretation of the idea of alienation. Finally, it is clear that Rosa has built a normative framework in which it is possible to outline a modern ideal conception of the good life.*

KEYWORDS: *Acceleration. Alienation. Dynamic Stabilization. Critical Theory.*

A obra original de 2005 *Beschleunigung. Die Veränderung der Zeitstrukturen in der Moderne*, traduzida para o português em 2019 por Rafael H. Silveira e lançada pela Editora

Unesp, é de autoria de Hartmut Rosa, professor de Sociologia Geral e Teórica na Universidade Friedrich Schiller de Jena. Desde a publicação desse seu primeiro livro sistemático, o sociólogo alemão Hartmut Rosa e a sua teoria da aceleração social têm conquistado o cenário acadêmico europeu e, mais recentemente, o brasileiro.

O autor desenvolve o conceito de aceleração social pensando na transformação societal da modernidade à pós-modernidade, teorizando a partir de um referencial teórico macro/micro os usos, percepções e diagnósticos sobre o tempo. Sua análise perpassa os conhecimentos desenvolvidos por sociólogos e filósofos como Norbert Elias e a teoria figuracional, Pierre Bourdieu e as análises do habitus na subjetivação dos indivíduos, Max Weber dentre seus conceitos como o da grade de aço, além de se filiar a linha de Axel Honneth, Walter Benjamin, Friedrich Nietzsche, Paul Virilio, Manuel Castells, Zygmunt Bauman, entre outros. Ou, como ele se refere em entrevistas, seus estudos mais profundos foram iniciados a partir das leituras de Charles Taylor, contudo, após estudar com o herdeiro de Frankfurt Axel Honneth, Rosa acaba por se vincular à tradição da teoria crítica, uma vez que sua obra pretende investigar as condições sociais do mal-estar na modernidade.

O objetivo do autor é estabelecer um novo paradigma de pesquisa, em cujo centro está a aceleração nas estruturas temporais da sociedade moderna. Sua ambição, portanto, é abrir novos horizontes de questões e fornecer novas perguntas orientadoras para pesquisas empíricas futuras. Para tanto ele recorre a um método empírico para comprovar sua hipótese. Primeiramente, o autor recorre de forma eclética a uma série diversificada de análises sociotemporais e psicológicas. Ou seja, ele faz uso de um grande volume de dados já existentes, com o cuidado de não ser seletivo (utilizar dados que apenas reforçassem sua hipótese). Além dessas análises, é de suma importância o uso de estudos qualitativos sobre a experiência e a percepção do tempo pelos indivíduos, bem como os motivos de transformações em suas práticas e perspectivas temporais. A dificuldade enfrentada está na ausência de consenso, nas ciências sociais, sobre quais seriam os indicadores mais adequados da mudança social. Tampouco há clareza a respeito de o que permitiria constatar uma aceleração dessa mudança.

Rosa tem o cuidado de responder a três objeções metodológicas que sua proposta enfrenta. A primeira é de que uma teoria da aceleração é confrontada com o problema de ter de ser capaz de definir empiricamente o valor sistemático de fenômenos de desaceleração, de forma que eles se mostrem como residuais. O autor aponta que ainda que exista um número crescente de “vítimas da modernização” obrigadas à desaceleração, esse fato não refuta a tese de que a aceleração é uma das características definidora da modernização. Dentro dessa

objeção, também, estaria a questão da sexualidade, mas Rosa é firme em colocar que as pressões da aceleração atuam igualmente sobre homens e mulheres.

Uma segunda objeção metodológica que Rosa enfrenta é que quem fala do tempo também deve falar do espaço. Rosa apresenta uma ideia que, discordando de Kant, espaço e tempo, em face do processo de modernização, não são equivalentes. A experiência espacial possui uma primazia incontestável, tanto filo quanto ontogeneticamente, sobre a experiência temporal. Segundo o autor, não restam dúvidas de que o senso de espaço e a orientação espacial da criança se desenvolvem bem mais cedo que seu senso de tempo. A última objeção metodológica é a questão se a proposta do autor não implica em uma determinada concepção de tempo demasiadamente eurocêntrica. Em outras palavras, será que Rosa está apenas abordando um conceito de tempo linear, abstrato, mercantilizável, como ele se desenvolveu na Modernidade ocidental, sem ser generalizável para todas as culturas e tempos históricos? A resposta do autor a essa crítica é que sua investigação não tem por objetivo escrever uma história universal do tempo ou conceber um conceito de tempo social a-histórico, mas sim representa uma tentativa de apreender a essência e a dinâmica do desenvolvimento da Modernidade, que segue os modelos ocidentais.

A partir disso, é possível argumentar que o nascimento da Modernidade foi a emancipação do tempo em relação ao espaço, fato que está no princípio do processo de aceleração. A modernidade é um processo, um persistente processo de dinamização (sempre um movimento mais veloz). O que distingue as sociedades modernas é o fato de que elas só se estabilizam e se reproduzem dinamicamente, ou seja, no e pelo movimento. Uma sociedade é moderna quando apenas consegue se estabilizar dinamicamente; quando é sistematicamente disposta ao crescimento, ao adensamento de inovações e à aceleração, como meio de manter e reproduzir sua estrutura. A dinâmica de governos é um bom exemplo de manutenção da estabilidade, para manter essa dinâmica no e pelo movimento, os governos são periodicamente alterados.

O que mantém essa estrutura, segundo Rosa, é a tríade: crescimento, adensamento de inovações e aceleração. Ela faz parte do imperativo do aumento, que gera a estabilização dinâmica presente nas sociedades modernas. Acontece que, o aumento dessa velocidade não acontece gradualmente, nem constantemente, o aumento se dá num círculo escalar. A tese de Rosa é a de que *o ritmo médio da vida se acelerou continuamente desde o início da Modernidade*. Isso modificou e conduziu subjetivamente a vida (das amizades às relações amorosas), um *habitus* no sentido bourdieusiano.

O conceito de “projeto da Modernidade”, isto é, a promessa de progresso criada pela constante inovação tecnológica teria perdido sua credibilidade no que Rosa chama de Modernidade tardia. A modernização não é apenas um processo multifacetado no tempo, mas também, uma transformação estrutural e cultural extremamente importante das próprias estruturas e horizontes temporais. Seu pressuposto fundamental é o de que a temporalidade é uma característica constitutiva da ordem social, e que as estruturas temporais subjazem e dão sentido a uma experiência histórica, à configuração da subjetividade, à política e à vida cotidiana. Assim, umas das hipóteses centrais na obra é que a aceleração social constitutiva da Modernidade ultrapassa o ponto crítico, ou seja, não se pode mais preservar a ambição de sincronização da sociedade como um todo. A consequência é uma mudança fundamental nas formas de direcionamento da sociedade e das autorrelações pessoais, que implica a renúncia ao desejo de autonomia individual e coletiva e, por conseguinte, ao projeto normativo da modernidade.

É o perigo da aceleração que é a dessincronização capaz de se desenvolver em três modos distinguíveis. Primeiramente, é possível que modelos e perspectivas temporais sistematicamente institucionalizados e modelos e perspectivas dos atores divirjam de tal forma que se chegue a um desencaixe e, a uma dessincronização de ambas as estruturas temporais. Uma segunda forma é a incongruência entre os três horizontes de tempo que guiam os atores, desintegração das perspectivas de tempo cotidiano, biográfico e histórico: o indivíduo percebe seu tempo como alienado. Em terceiro lugar, quando se percebe que a econômica, a ciência, a técnica se tornaram rápidos demais para um controle político e jurídico das transformações sociais: os subsistemas sociais estariam dessincronizados.

A aceleração do ritmo de vida – o aumento de episódios de ação ou de experiência por unidade de tempo – se traduzem em inúmeros exemplos que Rosa traz ao longo da obra. Cada vez mais se adensando nessas pequenas unidades, a velocidade do caminhar se modificou, o mastigar, o ler, o amar, onde potenciais parceiros são apresentados como em uma linha de montagem. Toda a indústria cultural se acelerou, filmes e músicas, a fala, as próprias palavras. Os episódios de experiências são traduzidos em ritmo de velocidade: não se vive pela qualidade dos momentos, mas pela quantidade de experiências possíveis em menor espaço de tempo. As estruturas temporais da Modernidade tardia são marcadas pela decomposição de cursos de ação e experiência em sequências cada vez menores. Isso se traduz numa dedicação cada vez menor as atividades.

Uma pesquisa publicada no começo dos anos 2001 e reatualizada em 2016 apontou que o tempo médio gasto contemplando uma pintura em um museu é, em média, de 27,2

segundos, variando entre 17 segundos e 3 minutos e 48 segundos¹. Rosa menciona um estudo estadunidense do ano de 1993 em que os participantes afirmavam não ir em museus e eventos artísticos por falta de tempo e dinheiro. Percebe-se que não há uma contemplação de um longo olhar sobre a arte, da exploração e reflexão. O que existe são olhares breves, talvez com uma finalidade de contemplar o maior número de obras. A problemática de ser rico em vivências – às vezes até violentamente excitadas - mas vazia em experiências (paradoxo da televisão curto-curto).

Duas questões são chaves para entender a pressão temporal sobre os sujeitos: a) o medo de perder oportunidades; e, b) a compulsão a adaptação. Do primeiro deriva o desejo de elevar o ritmo de vida, é a ideia de usufruir de forma cada vez mais acelerada das opções do mundo, aumentar as experiências, uma ideia de aproveitar a boa vida. Aqui se percebe a promessa cultural da aceleração, os sujeitos desejam viver mais rápido, porque é a melhor forma de se viver. O segundo motivo é inverso. Ele transmite aos sujeitos o sentimento de estar constantemente escorregando, ele se vê constantemente atrasado, desatualizado, necessitando se adaptar. Sob esse ponto de vista, os sujeitos não apenas “querem” viver mais rápido, eles “precisam”.

É a tirania do momento, mesmo nos momentos em que julga estar livre do trabalho, sente-se pressionado pelo atraso, “sou obrigado”, “é meu dever”, “tenho um prazo”. A frase de Rosa é certa: dançamos cada vez mais rápido apenas para permanecer no mesmo lugar. O medo de perder oportunidades valiosas faz com que os sujeitos desejem viver mais rápido. Porque em uma sociedade acelerada, na qual as condições e expectativas em relação ao futuro são inseguras, toda atividade e experiência passa por um critério racional de custo-benefício, tornando-se irracional realizar um cálculo a longo prazo. Vivemos, então, por assim dizer objetivamente mais, porém, ao mesmo tempo, subjetivamente menos – o tempo voa.

O que os indivíduos experimentam na Modernidade, como tempo de crise, não é uma grande ruptura. A crise é, justamente, o fato de não haver mais nada para se decidir. O circuito de ações e desenvolvimentos sistêmicos se tornou independente em relação ao direcionamento político. É a dessincronização, os processos são rápidos demais. O que se percebe, portanto, é uma profunda dessincronização entre a estrutura e a cultura.

REFERÊNCIAS

¹ <https://artluv.net/tempo-de-apreciacao-de-uma-obra-em-museu-ou-exposicao/>

FREITAS, Adan Christian de; BOLDA, Bruna dos Santos. An Interview with Hartmut Rosa. *Em Tese*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 115-133, set. 2019.

ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade*. Trad. SILVEIRA, Rafael. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

TZIMINADIS, João Lucas Facó. Modernidade dessincronizada: aceleração social, destemporalização e alienação: uma entrevista com Hartmut Rosa. *Estudos de Sociologia*. Araraquara v.22, n.43, p.365-383, jul.-dez. 2017.

TZIMINADIS, João Lucas Facó. Para narrar o tempo da vida: um ensaio sobre a aceleração social. *Revista Cadernos de Campo*, Araraquara, n. 22, p. 33-53, jan./jul. 2017.